

Psicologia entrevista

# Yaqui Andres Martinez Robles

*Interview with Yaqui Andres Martinez Robles*

Licenciado em psicologia pela Universidad Intercontinental. Mestre em Psicoterapia Humanista pelo Instituto Universitário Carl Rogers. Doutor em Psicoterapia Humanista pelo Colégio Humanista de México, tendo especialidades nas abordagens com o Enfoque Centrado na Pessoa; Psicoterapia Gestalt; Psicoterapia Grupal Gestáltica. Especialista em Musicoterapia Humanista pelo Instituto Mexicano de Musicoterapia Humanista. Atual presidente da ALPE (Associação Latinoamericana de Psicoterapia Existencial).

Paula Márcia Seabra de Sousa <sup>1\*</sup>

Bianca Ribeiro Rocha Ferreira <sup>2</sup>

Eduarda Barros Caetano <sup>2</sup>

Raphaela Batista Ferreira Sales <sup>2</sup>

Paulo Arthur Buchvitz <sup>1,3</sup>

(1) Docente do ISECENSA

(2) Discente do Curso de Psicologia do ISECENSA

(3) Coordenador do Curso de Psicologia do ISECENSA

\* paulamseabra@yahoo.com.br

**Gostaríamos de conhecer e entender um pouco sua maneira de atuar dentro da abordagem existencial. Você migrou do Humanismo para a fenomenologia Existencial, certo? Como você enxerga as relações humanas em nossa sociedade atual e qual o impacto desse modo de ser e de se relacionar com o outro na atualidade?**

Uma coisa que eu gosto da fenomenologia existencial é que é uma postura para as relações humanas, é uma atitude com os outros. É uma forma de estar, mais do que saber, é uma forma de estar. Inclusive, fazemos uma comparação entre saber e ser ou fazer e ser, pois a fenomenologia existencial nos propõe uma forma de ser, de estar com o outro e não algo que você tem que fazer para os outros. Nesse sentido é uma postura útil e importante na vida cotidiana, nas relações interpessoais entre família, entre vizinhos, entre amigos, entre casais etc... E também na vida profissional, por exemplo, o que chamamos “coaching” ou basicamente a terapia, ou grupos filosóficos também. Grupos de reflexão filosófica, que no México chamamos “Sócrates café”. São pessoas que se reúnem para refletir sobre algum assunto. São pessoas de diferentes idades, diferentes níveis socioeconômicos, que se reúnem geralmente em cafeterias e, enquanto tomam um café, refletem sobre essa metodologia. Então, creio que se aplica a fenomenologia existencial melhor hoje em dia, justo porque apresentam maneiras de estar presente com os outros.

**Para você, como é constituído esse ser humano, como ele é formado a partir dessas relações com o outro ser?**

Vemos o ser humano como uma “rede de relações”. Não somos individuais, somos “rede de relações” e a cada momento essas “redes de relações” mudam, se transformam. Por exemplo, agora, minha forma de ser com vocês depende de vocês, se eu estivesse aqui com pessoas, por exemplo, do México que falem em espanhol, talvez seria com alguém que falasse mais rápido, talvez seria com alguém que teria menos cuidado com o tipo de vocabulário e das palavras que usamos. E por isso, hoje eu estou aqui cuidado do meu vocabulário, do ritmo e velocidade que eu falo, porque são vocês que estão me escutando. Então eu sou o resultado do mundo onde convivo, a cada momento. E esse resultado, do mundo que convivo, não é algo estático, é algo que está em movimento, em transformação constante. Então olho para o ser humano e entendo que somos rede de relações em transformação e movimento contínuo, o que nos provoca estar em constantes dilemas, constantemente tendo que tomar decisões e, na maioria das vezes, sem muita consciência do que fazemos e escolhemos, mas podemos ter mais consciência de como fazemos.

**A família tem sido muito atacada nos últimos anos como responsável por acontecimentos considerados negativos em nossa sociedade, como violência, tráfico de drogas, depressão. Como o senhor, como profissional, vê, entende esse fato?**

Yaqui: É uma boa pergunta... Tanto a violência, o tráfico de drogas, a depressão e, acrescentaria, a angústia paralisante e... Há tantas formas de violência, existem muitas formas de violência... Tudo isso está baseado no olhar do ser humano separado, um olhar sozinho (ilhado) como se pensasse: se eu quero estar bem não me importo com vocês. Só importa o eu, primeiro eu, segundo eu, terceiro eu. Precisamos colocar em prática uma atitude e um olhar coletivo, sabendo que se eu quero estar bem, preciso que vocês estejam bem. Se realmente quero meu bem-estar, necessito do teu bem-estar. Então um olhar coletivo é um olhar para a família, porque a família é o maior vínculo, é a relação primária que nós, seres humanos, temos. Promover um olhar coletivo, pode ajudar a fortalecer as famílias. Porque, além disso, não é só o interior da família que me refiro, mas também a família com outra família e outra família e assim formando a família de uma cidade, e uma cidade com outra cidade formam a família de um país, e um país com outro país formam a família do mundo. Então precisamos lembrar que somos família. E o que nos ajuda a lembrar disso são atitudes de relacionamento. Isso é à base da fenomenologia existencial.

**Então, Setembro é o mês mundial da campanha de prevenção ao suicídio, que a gente chama de Setembro Amarelo, e os números são muitos alarmantes, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. O último relatório da OMS afirmou que o Brasil é o oitavo maior país no mundo em índice de suicídios. Sem contar os casos que não são registrados e as tentativas de suicídio, apenas os concretizados. Então como pensar sobre essa realidade,**



**tanto sobre a questão do suicídio em si, como a prevenção, por uma visão fenomenológica?**

UAU! Só os concretizados. Vou dizer as primeiras coisas que me veem. Penso que o suicídio é uma mensagem, uma comunicação, a pessoa que se aproxima dessa decisão está tentando falar algo, está tentando comunicar algo que não foi escutado. Então precisamos treinar nossos ouvidos, precisamos poder escutar isso que não estamos escutando. Talvez no teu país tenha muitas pessoas precisando dizer algo que ninguém nunca escutou, então precisamos escutar. E a base fenomenológica pode nos ajudar em relação a isso, em criar estratégias para escutar melhor, para nos aproximarmos mais das comunidades para escutar o que eles têm para nos falar, porque eles têm algo para falar e precisamos aprender a escutá-los.

**Fazendo um link, quais são as condições no México de suicídio? As informações sobre o suicídio no seu país?**

Não sei muito bem, não poderia te falar algo concreto. O que eu sei é que baixou muito a idades das pessoas que passam por essa experiência, cada vez mais têm crianças de nove, dez, doze anos que se suicidam. É o mais surpreendente em México. O número de adultos, tenho a impressão de que não cresceu, continua igual. E isso é preocupante, porque podem estar falando da falha da educação. Talvez as escolas no nível da alfabetização ou primeira série estejam falhando em poder oferecer um espaço emocional para que as crianças possam ser escutadas.

**Para você, qual é o papel, a função do terapeuta dentro da abordagem Existencial Fenomenológica?**

Principalmente, o testemunho. Testemunhar a vida do outro. Existe muita gente que vemos chegar à terapia e parece que a única coisa que necessita é que exista alguém que testemunhe a sua existência. Alguém que olhe, que possa reconhecer que, na verdade, isso passou, que viveu sim isso, que teve esta experiência. Segundo, é alguém que acompanha, que se aprofunde em uma reflexão dos aspectos mais íntimos, frágeis, vulneráveis de nossa vida cotidiana. Cotidianamente todos experimentamos momentos de muita vulnerabilidade, de muita fraqueza, e ter alguém que nos acompanha a revisarmos esses momentos cotidianos, pode nos dar ferramentas para enfrenta-los depois, na segunda e na terceira. É ser um “co-explorador”, “co-investigador”, alguém que junto com o paciente investiga as condições do que significa viver nessa situação, na situação do paciente, que significa viver a si mesmo, como se constrói a maneira que cada pessoa vive, seja se construindo, seja mantendo através de certas redes de relações. Então é tratar de explorar, investigar juntos como se mantém, como se estabelece essas redes de relações que mantém essa situação, que fazem com que essa situação permaneça, se embole (se misture), ou não possa mais continuar, ou continua, mas não da maneira que a pessoa necessita que continue. E então surge a terceira forma, que é se aprofundar na compreensão do que significa ser humano nessas condições. O que significa ser pessoa nessa situação, o que significa existir nesse mundo e nesse tempo em que a pessoa está vivendo.

**Pode se dizer que é uma abordagem holística?**

Sim! Com mais ênfase na compreensão do que no reparo (solução), isso é importante, pois para a perspectiva fenomenológica é mais importante compreender do que reparar (solucionar), porque poderíamos nos preocupar em reparar algo que é melhor não ser reparado, às vezes o ruim é melhor do que se pode imaginar. Às vezes o problema é melhor do que a solução. Então nos interessa que a pessoa compreenda a situação, pois cremos que se ela compreende melhor, encontrará ferramentas para solucionar, se for necessário solucionar. Mas não queremos ultrapassar ou nos apressarmos a solucionar, mas preferimos ir passo a passo, lentamente a uma compreensão.

**E qual é a sugestão que você dá aos estudantes de psicologia? O que você propõe a eles?**

Que criem questionamentos, que não se conformem com uma única resposta, que queiram perguntar mais, porque vão escutar muitas respostas e serão convidados a falarem algumas respostas, e às vezes nos acostumamos (conformamos) com muitas respostas e às vezes necessitamos seguir buscando, seguir perguntando. O que eu gostaria de dizer é que não deixem de perguntar, sigam perguntando. E que cada resposta os ajude a perguntar mais, para ir mais longe.